



## **Agroecossistemas camponeses à sombra do agronegócio: a experiência de resistência da família Falcão em Bom Jesus, Piauí, Brasil**

*Peasant Agroecosystems in the shade of agribusiness: a resistance experience of the Falcão family in Bom Jesus, Piauí, Brazil*

FALCÃO, Maria Raimunda Borges<sup>1</sup>; SOUSA, Thiago Batista de<sup>2</sup>; NERES, Maria Betânia Ferreira<sup>3</sup>; SILVA, Valcilene Rodrigues da<sup>4</sup>

<sup>1</sup>UFPI, maryfalcao\_@msn.com; <sup>2</sup>UFPI, dthiagobatista@gmail.com; <sup>3</sup>UFPI; <sup>4</sup>UFPI, valcilener@gmail.com

### **Eixo temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais**

**Resumo:** O trabalho apresenta a experiência de vida e resistência de uma família camponesa que vive na comunidade de Buriti Seco, município de Bom Jesus, PI. O município é conhecido no sul do Piauí como capital do agronegócio principalmente por sua participação na produção de soja. A escolha dessa experiência é motivada pela sua relevância para a agroecologia, mas também porque uma das autoras é parte integrante desse agroecossistema. As observações e reflexões para o texto aconteceram entre janeiro e maio de 2019. Para isso o grupo usou de diário de campo e ouviu o relato da família sobre a sua relação com a terra, o modo de viver e produzir, bem como as suas estratégias para driblar o capital e continuar no campo. Permanecer no campo não é apenas permanecer numa localidade, mas num lugar que tem significados para a família. É o lugar do sossego, é o lugar que tem os meus “bichos”, as minhas plantas. É o lugar onde se sente o cheiro da chuva e do mato e se tem o prazer da colheita e da pesca.

**Palavras-Chave:** agrobiodiversidade; agroecologia; Vale do Gúrgueia; campesinato.

**Keywords:** agrobiodiversity; agroecology; Vale do Gúrgueia; peasant

### **Contexto**

A experiência aqui relatada contribui para reflexão da agroecologia no que se refere à conservação da biodiversidade e da diversidade cultural frente ao processo de transformação que vem acontecendo na agricultura brasileira e em especial no chamado MATOPIBA, em que cresce a cada dia o agronegócio. Nesse sentido, o trabalho tem como objetivo apresentar a experiência de vida e resistência de uma família camponesa que vive na comunidade de Buriti Seco, município de Bom Jesus, PI. O município é conhecido no sul do Piauí como capital do agronegócio principalmente por sua participação na produção de soja. Entretanto, a região não é um espaço vazio, existem inúmeros camponeses que vivem e resistem à lógica e aos impactos do agronegócio. Quando se analisa o agroecossistema da família Falcão nota-se que eles fizeram de seu pedaço de terra um paraíso produzindo o ano todo uma vasta variedade de plantas frutíferas, hortaliças, plantas medicinais e criação de animais além da área de mata, o que garante a soberania alimentar da família, certa autonomia em relação ao mercado e conservação da diversidade biológica e cultural.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



## Descrição da Experiência

O agroecossistema de dona Davina e seu Alves dista 12km da sede municipal de Bom Jesus. O relato da experiência desses camponeses se deu inicialmente em uma disciplina ministrada no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFPI/CPCE em Bom Jesus. A escolha dessa experiência é motivada pela sua relevância para a agroecologia, mas também porque uma das autoras é parte integrante desse agroecossistema, o que metodologicamente caracteriza o trabalho como pesquisa participante. A experiência é de uma vida inteira, mas as observações e reflexões para esse texto aconteceram entre janeiro e maio de 2019.

Para isso o grupo usou de diário de campo, um instrumento para anotações, comentários e reflexão para uso do investigador. Nele se anotam todas as observações de fatos, acontecimentos, relações verificadas e experiências (FALKEMBACH, 1987). Ouviu-se o relato da família no que diz respeito a sua relação com a terra, o seu modo de viver e produzir, bem como as suas estratégias para driblar o capital que se aproxima cada vez da comunidade e continuar no campo.

O casal descreve que desde crianças vivem na comunidade e que nesse agroecossistema criaram seus sete filhos. Antes da chegada do agronegócio na região a comunidade contava com as cacimbas, riachos e tinham certeza da qualidade da água. Atualmente o grande desmatamento que ocorre nos topos de serras pelos sojicultores, a construção de barreiros e o uso de agrotóxicos impactam violentamente as nascentes e os riachos e, conseqüentemente os agroecossistemas camponeses que se localizam nos baixões e várzeas. Além disso, ao se apropriar das terras os grandes produtores acabaram afetando o modo de criar gado extensivo muito comum na região. Logo, a família Falcão tem que dividir o espaço da produção agrícola com a criação de gado e para isso se viu obrigada a reduzir a criação.

Os grandes proprietários ao redor já tentaram comprar suas terras, mas eles sempre resistiram. Conforme relato de seu Alves, “não se come dinheiro e sim o alimento produzido na terra”. “O dinheiro acaba e as terras duram para sempre” complementa dona Davina. Assim, apesar das dificuldades, de se manter no campo com os impactos provocados pelo agronegócio a família continua resistindo. A família não participa de nenhum movimento social, não existe associação local, nem acompanhamento técnico de ONGs, mas como bem lembra Fabrini (2007), a resistência camponesa não se limita à ação/organização nos movimentos sociais. Há um conjunto de relações assentadas que se erguem como uma modalidade de resistência dos camponeses em relação ao modo de vida capitalista. Dentre as diversas formas de resistência da família nota-se a produção diversificada para consumo, o controle no processo produtivo, pois a família possui acesso à terra, a mão de obra e os insumos básicos, a solidariedade e as relações de vizinhança no



cotidiano e na comercialização dos produtos na feira de Bom Jesus, dentre outros. Viver no campo seguindo a lógica camponesa e com práticas agroecológicas é um grande exemplo de resistência. No entanto, vale destacar que não poder contar com parcerias externas dificulta o processo produtivo e de comercialização, a exemplo da feira que não conta com uma infraestrutura adequada e os camponeses expõem seus produtos numa lona e ficam no sol durante toda manhã. Daí a importância de fortalecer os processos organizativos dentro, mas também fora da comunidade, articulando e integrando outras experiências agroecológicas.

## Resultados

Quando se analisa o modo de produção da família Falcão observa-se a aplicação de vários princípios da agroecologia. O primeiro deles é a diversificação. Por ser um agroecossistema cortado pelo rio Gurguéia, a família planta durante o período de estiagem na área de vazante várias variedades de feijão, abóbora, jerimum, melão, melancia, macaxeira, tomate, cheiro verde, quiabo, milho verde, batata doce, fava carioca e cana de açúcar. Durante o período chuvoso aproveitam para plantar arroz e capim. Além desses cultivos, em sua maioria, temporários, nota-se no agroecossistema manga, laranja, banana, acerola, coco, ata (pinha), caju, limão, tangerina, abacaxi, abacate, uva, cajá, limão tanja, mamão, coco e goiaba. Algumas medicinais também são encontradas como hortelã roxo e vick, marcela, erva cidreira, capim santo, folha santa e babosa. A família ainda coleta na mata o coco babaçu e o buriti. No que se refere a criação animal a família dispõe de galinhas, gado e peixes. Tal diversidade é ilustrada na Figura 01.



**Figura 01.** Diversidade encontrada no agroecossistema da família Falcão. À esquerda sistema agroflorestral com diversos cultivos temporários e à direita área de mata com buritizal. Foto: Maria Falcão, 2019.

O modo de produção ilustrado promove a biodiversidade, garante produção de alimento o ano inteiro, evita pragas e doenças por manter as condições ecológicas em equilíbrio e prospera sem agroquímicos. A família relata as diversas estratégias de manejo da propriedade de modo a evitar desperdícios, aproveitar ao máximo os



recursos internos e respeitar os limites da natureza, outros princípios importantes da agroecologia. A ideia de ciclagem dos nutrientes e de fluxos de energia é bastante visível, pois muito do que se produz no agroecossistema de uma forma ou de outra permanece no agroecossistema. Por exemplo, o esterco da galinha e do gado é útil para adubar a terra em que se fará a horta e plantas medicinais. Para proteção da horta é colocado, por exemplo, um pé de pimenta bem próximo que ajuda no combate contra certos tipos de insetos. Outras plantas medicinais são plantadas ao redor das árvores frutíferas com o mesmo intuito de proteção contra insetos. Do mesmo modo são plantadas algumas espécies que servem para o enriquecimento do solo como o guandu e o feijão de porco.

Assim o ciclo de nutrientes vai se concretizando. A criação de galinhas vai contribuir na alimentação da família fornecendo carnes e ovos. Para alimentar as galinhas tem-se a produção de milho, frutas e resto de cultura da horta. O milho também é utilizado diretamente pela família Falcão e a palha é útil para alimentar o gado que recursivamente fornece leite para a família. No que diz respeito aos cuidados com os peixes a família consegue alimentá-los com as sobras da horta e as sobras da cozinha. Além disso, a produção excedente é comercializada na feira livre da cidade de Bom Jesus aos sábados.

Apesar de não se auto-dominarem como camponeses agroecológicos, a forma como vivem dialoga diretamente com a perspectiva da agroecologia e evidenciam que é possível uma relação mais harmoniosa com a natureza. Quando analisamos a experiência a partir da ideia de agroecossistema como propõe Petersen (2017) nota-se que o sistema, no caso a terra, é composto por vários subsistemas e que cada subsistema contribui com a produção e transformação de outros subsistemas. Ao mesmo tempo, contribui para manter a dinâmica auto-organizativa do conjunto. Igualmente existem várias relações e interações para além do agroecossistema que interferem na dinâmica interna, a exemplo dos agrotóxicos que poluem os cursos de água, dos preços oferecidos no mercado pela produção, dentre outros. Dentro do agroecossistema da família Falcão observa-se que todas essas relações internas e externas são analisadas com cuidado pela família para garantir sua permanência no campo com a qualidade de vida que jugam ser necessária.

No que se refere a essa permanência no campo, nota-se que o casal já teve a oportunidade de mudar para a cidade, mas não consideram essa possibilidade. É no seu agroecossistema que estão suas memórias. Não é apenas uma localidade, mas um lugar que tem muitos significados para a família. É o lugar do sossego, é o lugar que tem os meus “bichos”, as minhas plantas. É o lugar onde se sente o cheiro da chuva e do mato e se tem o prazer da colheita e da pesca (Figura 02).

Dessa forma, a família consegue garantir sua soberania alimentar e uma autonomia relativa em relação ao mercado, tanto no que diz respeito aos insumos como a aquisição de alimentos. Do mesmo modo vão resistindo para manter sua identidade camponesa, seus costumes e seus hábitos alimentares. Sabe-se que a diversidade biológica e a diversidade cultural andam de mãos dadas de modo que ao se Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



conservar a cultura se conserva a diversidade biológica e vice-versa. Além disso, a experiência evidenciou as estratégias utilizadas pela família para se contrapor à lógica global capitalista que tudo transforma em mercadoria. Como bem disse o seu Alves que “o dinheiro não compra tudo”. A qualidade de vida, a satisfação de viver e manejar sua terra e a tranquilidade da vida no campo não estão em negociação, até mesmo porque isso o capital não teria como pagar.



**Figura 02.** Família Falcão fazendo a colhendo banana à esquerda e à direita fazendo caldo de cana de açúcar. Foto: Maria Falcão, 2019.

No entanto é válido colocar uma preocupação do casal em relação à sucessão rural. Embora os filhos estejam presentes na produção e contribuam também na comercialização da produção, todos, por diversos motivos já residem na cidade e possuem outras fontes de renda. Isso coloca em tela a necessidade de se pensar em formas de apoiar a juventude rural para sua permanência com qualidade no campo, especialmente no que se refere à educação. Do mesmo modo, se faz necessário cada vez mais a divulgação de experiências de resistência, de produção agroecológica, de economias solidárias e outras tantas formas de se contrapor ao capital que vêm sendo desenvolvidas mundo a fora. Comunicar fora dos meios oficiais de comunicação também é uma forma de resistência.

### **Referências bibliográficas**

FABRINI, J.E. A resistência camponesa para além dos movimentos sociais. **Revista NERA**. Presidente Prudente. Ano 10, n. 11.jul-dez/2007.

FALKEMBACH, Elza Maria F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. In: **Contexto e educação**. Ijuí, RS Vol. 2, n. 7 (jul./set. 1987), p. 19-24.

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte na  
Democratização dos  
Sistemas Agroalimentares



PETERSEN, P.; SILVEIRA, L. M.; FERNANDES G. B; ALMEIDA, S. G. **Método de análise econômico-ecológica de Agroecossistemas**. AS.PTA. Rio de Janeiro: 2017.